

Divirta-se



Bandeirantes do Norte, às 21h no 7: Spencer Tracy em boa diversão.

Tempos Felizes (13h45 no 4) Good Times, 67. Direção de William Friedkin (O Exorcista). Com Sonny & Cher, George Sanders, Norman Aden, Larry Duran. Comédia musical inédita nos cinemas brasileiros, veículo para o casal da tevê norte-americana Sonny & Cher (hoje estão separados e prosseguem em carreiras individuais). Eles fazem um casal de cantores que enfrenta problemas quando o marido pensa em fazer um filme. Há cenas de sonho e fantasia, com música do próprio Sonny Bono. Apenas uma curiosidade. (COR)

Um Casal Em Apuros (14h no 5) Full of Life, 56. Direção de Richard Quine. Com Judy Holliday, Richard Conte, Salvatore Baccaloni, Esther Minciotti. Sogra italiana vem morar com um casal que espera o primeiro filho. Comédia familiar, com situações inteligentes e divertidas, último filme de Judy na Columbia.

Bandeirantes Do Norte (21h no 7) Northwest Passage, 40. Direção de King Vidor. Com Spencer Tracy, Robert Young, Ruth Hussey, Walter Brennan, Nat Penzleton, Robert Barrat, Isabel Jewell, Donald MacBride. Aventura baseado em romance de Kenneth Robert que ia ser filmado em duas partes. Mas como era muito caro, desistiram da seqüência, justamente a que falava da passagem do noroeste do título em inglês. Aqui, um grupo de "guarda-matas"

ingleses atravessa as selvas rumo ao Canadá para liquidar índios unidos aos franceses. Produção "Classe A" da Metro, rodada em locação em Idaho em technicolor (uma raridade na época), feito pelo excelente Vidor. Boa diversão. (COR)

Contra Todas as Bandeiras (22h15 no 11) Against All Flags, 52. Direção de George Sherman. Com Errol Flynn, Maureen O'Hara, Anthony Quinn, Mildred Natwick. Oficial salva princesa das Índias das mãos de um pirata. Capa-espada da Universal, na decadência do herói Flynn. Durante as filmagens ele quebrou o tornozelo e a tia teve que ser interrompida durante cinco meses. A história foi refeita nos anos 60 como O Pirata do Rei. (COR)

Os Últimos Cinco (23h no 2) Five, 51. Direção de Arch Oboler. Com William Phipps, Susan Douglas, James Anderson, Earl Lee, Charles Lampkin. Curioso drama de ficção-científica sobre os últimos cinco habitantes do mundo, depois de uma guerra atômica. Excesso de diálogos e clichês, e um diretor de quem vimos o recente e abominável Odisseia Extra-Terrena (The Bubble, 67).

Os Sete Pecados Capitais (22h50 no 5) Les Septs Pechés Capitaux, 52. Coprodução franco italiana em episódios 1) Avareza e Ira de Eduardo De Filippo com Isa Miranda e o diretor. 2) A Preguiça, de Jean Dreville com Noel Noel e Louis de Funés (ponta como o francês típico). 3) Luxúria, de Yves Allegret com Viviane Romance, Frank Villard e Maurice Ronet (como o padre). 4) Inveja, de Roberto Rossellini com André Debar. 5) Gula, de Carlo Rim com Henri Vidal, Claudine Dupuis. 6) Soberba, de Claude Autant Lara, com Michele Morgan, Françoise Rosay. 7) O Oitavo Pecado, com Gérard Philipe,

direção de Georges Lacombe. Antologia de episódios com qualidade e tamanho variável. Gérard Philippe funciona como apresentador e "meneur de jeu", assim como fica com a conclusão do oitavo pecado no final. As histórias variam entre a comédia e o melodrama e são no geral fracas. Salva-se apenas o humor bizarro do episódio da Preguiça e principalmente a presença de Michele Morgan, maravilhosa na seqüência da Soberba. Em 61, houve outro filme com o mesmo nome e outros diretores. Pela primeira vez na tevê.

Cinco Mulheres Desesperadas (23h no 4) Five Desperate Women, 71. Direção de Ted Post. Com Anjanette Comer, Joan Hackett, Stefania Powers, Denise Nicholas, Julie Sommers, Bradford Dillman, Robert Conrad. Drama de suspense feito para a tevê. Cinco ex-colegas de escola combinam um encontro numa casa numa ilha alugada. Mas um louco homicida escapou e mata uma delas. Na ilha há dois homens. Qual deles é o assassino? A resposta é fácil de prever mas com alguns bons momentos (COR)

Clamor de Justiça (0h30 no 7) Sergeant Ryker, 68. Direção de Buzz Lloyd Nolan, Murray Hamilton. Drama feito para a tevê (mas exibido nos nossos cinemas). Produzido com um show de tevê (The Case Against Paul Rucker, em 63) da série semanal "Court Martial". Passa-se durante a Guerra da Coreia, quando um sargento vai para a Corte Marcial acusado de traidor. Veículo para o então prestigiado Lee Marvin. (COR)

A Garota no Automóvel com Óculos e um Rifle (0h15 no 13) The Lady in the Car with Glasses and a Gun, 71. Direção de Anatole Litvak. Com Samantha Eggar, Oliver Reed, Stéphane Audran, John McErney, Billie Dixon.

Decepcionante drama de suspense, arrastado e inconveniente. Samantha é a secretária inglesa que fica com o carro do patrão, viajando por engano para a Cote D'Azur. Começam a suceder uma série de acontecimentos estranhos e a polícia pensa que ela enlouqueceu. Pena que as reviravoltas e o final não sejam satisfatórios (COR)

O Homem que Nasceu de Novo (01:50 da manhã no 5) The Mind Of Mr. Soames, 70. Direção de Alan Cooke. Com Terence Stamp, Robert Vaughn, Nigel Davenport, Christian Roberts. Um interessante drama de sobre um homem que consegue ser reavivado de seu estado de coma no qual passou trinta anos. Sua mentalidade é de uma criança mas o mundo tem dificuldade de se adaptar à sua inocência e curiosidade. Um ponto de partida curioso que no final deriva para o policial e a denúncia. (COR)

As Aventuras de Buffalo Bill (1h da manhã no 4) Pony Express, 54. Direção de Jerry Hopper. Com Charlton Heston, Rhonda Fleming, Jan Sterling, Forrest Tucker. Faroeste da Paramount. Heston perde seu tempo como o Buffalo Bill que se envolve na criação do "Pony Express", o correio a cavalo entre o Missouri e o Pacífico. (COR)

Sangue na Neve (2h20 da manhã no 5) Winter Kill, 74. Direção de Jud Taylor. Com Andy Griffith, John Larch, Tim O'Connor, Lawrence Pressman, Eugene Roche. Drama feito para a tevê. Durante o inverno em Eagle Lake, na Califórnia, o delegado Sam investiga três mortes misteriosas ocorridas em curto espaço de tempo. Mas a cidade se arma para procurar o criminoso indo contra o delegado. No elenco, ainda Sheree North e Joyce Van Patten. A crítica americana o considerou um bom exemplar no gênero policial (COR) R.E.F.

As grandes telas de Batuz, simplificando suas formas.

O pintor húngaro radicado nos Estados Unidos inaugura às 18h sua exposição que ocupa todo o salão do segundo andar do Masp.



Batuz é um pintor húngaro que já morou na Argentina e finalmente decidiu-se pelos Estados Unidos. Foi no seu estúdio de Connecticut que ele passou a usar telas de grandes dimensões, incorporando às suas pesquisas de cor o prazer dos grandes espaços que ele já havia experimentado num período anterior, com a escultura.

Hoje, às 18 horas, ele inaugura uma grande exposição, com 44 trabalhos recentes usando todo o salão do segundo andar do Museu de Arte de São Paulo. Batuz está mostrando pela primeira vez seu trabalho entre nós, e além de ter pinturas em galerias e museus nos Estados Unidos e também trabalhar com gravuras para casas editoras importantes, em seu retorno ele fará uma exposição num dos mais requintados museus de Washington, a Philips Collection.

— Tenho muito prazer de fazer uma exposição no Brasil. Acho que este país também está conquistando novas dimensões, como eu gosto de abrir os espaços na minha pintura. A América atual já está muito diferente da sua imagem de largos horizontes. Agora eu acho que é aqui que se encontra essa atmosfera do tempo dos Vanderbilts, de novas criações, dos tempos das corridas para o Oeste, de regiões ainda inexploradas. Minha pintura é abstrata mas na verdade eu não tenho uma afinidade espiritual com os abstratos expressionistas que dominaram a arte norte-americana durante um longo período. Acho que as épocas não são importantes, quando um pintor encontra a sua maneira pessoal de expressão. Sabemos como trabalhou Zurbarán ou Bracque sem fazer comparações com os seus contemporâneos. Nos meus trabalhos recentes é possível perceber que estou simplificando as minhas formas. Mas eu parti inicialmente das sugestões de recortes superpostos, como uma colagem pintada, que foi se depurando em vastas superfícies, com poucas cores.

O catálogo de Batuz tem textos de três figuras importantes das artes internacionais, além de Pietro Bardi: o crítico argentino Rafael Squirru, o alemão Dieter Ronte e o criador da famosa Hirshhorn Collection de Washington, Joseph H. Hirshhorn que ainda apresenta Batuz como um dos integrantes do seu acervo.